

Senado elege Tebet, mas não supera crise

Ex-ministro teve indicação contestada por votos de protesto de 34 dos 75 colegas presentes

CHRISTIANE SAMARCO
e ROSA COSTA

BRASÍLIA - O senador Ramez Tebet (PMDB-MS) foi eleito ontem presidente do Senado por maioria dos votos, mas assume o cargo contestado por 31 colegas que votaram em branco e outros 3 que preferiram anular o voto. Na sessão, com a presença de 75 dos 81 senadores, Tebet obteve o aval de 41 parlamentares. "Fez-se a sucessão, mas a crise continua", constatou o primeiro-secretário, senador Carlos Wilson (PTB-PE). Ele espera que o peemedebista tenha "habilidade acima do normal para que possa vencer as dificuldades e unir o Congresso".

O novo presidente da Casa assume no lugar de Jader Barbalho (PMDB-PA), que renunciou ao cargo na terça-feira, por não suportar as pressões de que tem sido alvo - ele é suspeito de envolvimento no desvio de recursos do Banco do Estado do Pará (Banpará) e na emissão ilegal de Títulos da Dívida Agrária (TDAs). Jader disse que ficou "mais que feliz" pela escolha do colega, retirado do comando do Ministério da Integração Nacional após uma gestão de três meses. "Ele é um amigo, um companheiro do partido", afirmou. Na primeira entrevista como presidente, Tebet disse que vai se comportar "como manda a lei" em relação ao processo contra o colega, por quebra de decoro parlamentar.

O clima tenso da sessão de ontem, precedida por uma série de articulações do PFL e do bloco de oposição, em busca de uma alternativa para derrotar Tebet, dá mostras do desconforto produzido pela disputa. Tanto que o presidente nacional do PSDB, deputado José Aníbal (SP), programa uma operação para acalmar a base aliada. Ele marcou uma reunião com os presidentes do PFL, PMDB, PTB e PPB, no início da semana que vem, para "superar as sequelas e olhar para a frente".

Candidato preferido do Palácio do Planalto, com apoio da cúpula do PMDB, Tebet foi eleito à revelia dos pefehistas que, até o último momento, tentaram barrá-lo com votos em branco. "Tebet foi o máximo denominador comum a que conseguimos chegar", resume Aní-



Tebet passa pelos senadores José Sarney, Jader Barbalho e Renan Calheiros: "Recebo os votos em branco como se dissessem que queremos paz nesta Casa, como uma mensagem de harmonia"

bal. O PFL queria arrastar a disputa ao segundo turno, o que ocorreria se os votos em branco superassem os válidos. A idéia era lançar o senador José Agripino Maia (PFL-RN).

Fogaça - Agripino reconhece que a operação minaria ainda mais a já tumultuada convivência entre os governistas. "Essa base é uma peça de ficção, mas dá para se arrastar até o fim do

governo", consola-se. Para o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), vetado para o cargo pela oposição, pelo PFL, pelo PSDB e até mesmo por parte de sua bancada, o desfecho do episódio provocado pela renúncia de Jader foi um alívio. "O PMDB obteve de novo a maioria", comemorou.

A oposição tentou igualmente produzir uma alternativa para evitar o voto ao candidato "chapa branca". Líderes consumiram parte da madrugada em telefonemas de apelo ao senador José Fogaça (PMDB-RS), derrotado por Tebet na bancada. O gaúcho negou-se a apresentar candidatura avulsa no plenário, contra a decisão partidária, mas nem assim a oposição deu-se por vencida. Ao longo da manhã, líderes do bloco ainda investiram em outro nome: o escolhido foi o senador Pedro Simon (PMDB-RS), que também recusou a missão para preservar sua candidatura presidencial no ano que vem.

O POSIÇÃO
QUIS LANÇAR
FOGAÇA E
SIMON